

OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO DA (b)IBLIOTECA A (B)IBLIOTECA: REFLEXÃO DO VIR-A-SER COM A CONTRIBUIÇÃO DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Jetur Lima de Castro, Universidade Estadual Paulista (Unesp), <https://orcid.org/0000-0002-9983-136X>

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Universidade Estadual Paulista (Unesp), <https://orcid.org/0000-0003-3629-7435>

RESUMO

Propõe a representação política da biblioteca ativa em uma narrativa do vir-a-ser no sentido de amplificar as vozes de grupos isolados, vulneráveis e esquecidos de ressoarem nas ações culturais da Biblioteca, confluindo diretamente em uma percepção teórica praxiológica em sentido de reconceitualização de (b)iblioteca a (B)iblioteca. Dessa forma, o objetivo é discutir o problema epistemológico no estudo da biblioteca, tendo repercussões em uma abordagem emancipatória. Isto, implica nas recepções da informação, isto é, à mediação da informação que implica não apenas um resultado, mas uma reconstrução de olhar as coisas primeiras, inserir a abstração teórica no sentido de que é nela que se desvirtua a práxis, não numa percepção de uma mediação imediata, mas uma ação reconstrutiva em processo. A metodologia baseia-se no desenvolvimento da pesquisa teórica, adota como método a pesquisa bibliográfica que, no sentido mais estrito, visa construir uma reflexão sobre a mediação da informação, tendo em vista as proposições as percepções de significado entre (b)iblioteca a (B)iblioteca. Os resultados descrevem as percepções de sentido entre (b)iblioteca a (B)iblioteca para a construção de uma reflexão sobre a mediação da informação, do ponto de vista de analisar problemas epistemológicos no estudo e ação do bibliotecário em que se inclina mais para ser entendido como uma ferramenta de "tipo ideal", da realidade que se configura, então, como uma perspectiva metodológica que considera a ação coletiva emancipatória, em que há a autonomia dos sujeitos que contribuem para a compreensão informacional dos fenômenos sociais em biblioteca e práticas cotidianas associadas à identificação de necessidades de informação. Para finalizar, aponta-se para a redistribuição de espaços paradigmáticos da produção científica, construindo um projeto de investigação metanormativa, em que revisa as possibilidades de uma crítica política que articula questões epistemológicas, éticas e políticas.

Palavras-Chave: Obstáculo Epistemológico; Biblioteca; Mediação da Informação; Direito à Justificação.

OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO DE LA (b)IBLIOTECA A (B)IBLIOTECA: REFLEJO DEL DEVENIR CON EL APORTE DE LA MEDIACIÓN DE LA INFORMACIÓN

RESUMEN

Presenta la representación política de la biblioteca activa en una narrativa del devenir en el sentido de amplificar las voces de grupos aislados, vulnerables y olvidados para resonar en las acciones culturales de la Biblioteca, convergiendo directamente en una percepción teórica praxiológica. en el sentido de reconceptualización de (b)iblioteca a (B)iblioteca. De esta forma, el objetivo del artículo es discutir el problema epistemológico en el estudio de la biblioteca, repercutiendo en un enfoque emancipador. Esto implica la recepción de la información, es decir, la mediación de la información que implica no sólo un resultado, sino una reconstrucción de la mirada a las primeras cosas, insertando la abstracción teórica en el sentido de que es en ella donde se distorsionará la praxis, no en una percepción de una mediación inmediata, pero una acción reconstructiva en proceso. La metodología se basa en el

desarrollo de la investigación teórica, adopta como método de investigación bibliográfica que, en sentido estricto, tiene como objetivo construir una reflexión sobre la mediación de la información, en vista de las proposiciones las percepciones de significado entre (b)iblioteca a (B)iblioteca Los resultados describen las percepciones de significado entre (b)iblioteca y (B)iblioteca para la construcción de una reflexión sobre la mediación de la información, desde el punto de vista del análisis de problemas epistemológicos en el estudio y la acción del bibliotecario en el que se inclina más a ser entendido como una herramienta de "tipo ideal", de la realidad que se configura, entonces, como una perspectiva metodológica que considera la acción colectiva emancipadora, en la que está la autonomía de los sujetos que contribuyen a la comprensión informacional de los fenómenos sociales en la biblioteca y las prácticas cotidianas de información asociadas a la identificación de las necesidades de información Finalmente, apunta a la redistribución de los espacios p de la producción científica, construyendo un proyecto de investigación metanormativo, donde revisa las posibilidades de una crítica política que articule cuestiones epistemológicas, éticas y políticas.

Palabras-Clave: Obstáculo Epistemológico; Biblioteca; Mediación de la Información; Derecho a la Justificación.

EPISTEMOLOGICAL OBSTACLE FROM (I)IBRARY TO (L)IBRARY: REFLECTION OF BECOMING WITH THE CONTRIBUTION OF INFORMATION MEDIATION

ABSTRACT

It presents the political representation of the active library in a narrative of the coming-to-be in the sense of amplifying the voices of isolated, vulnerable and forgotten groups to resonate in the cultural actions of the Library, converging directly in a praxiological theoretical perception in the sense of reconceptualization of (I)ibrary to (L)ibrary. In this way, the objective of the article is to discuss the epistemological problem in the study of the library, having repercussions on an emancipatory approach. This implies the reception of information, that is, the mediation of information that implies not only a result, but a reconstruction of looking at the first things, inserting theoretical abstraction in the sense that it is in it that praxis will be distorted, not in a perception of an immediate mediation, but a reconstructive action in process. The methodology is based on the development of theoretical research, adopts as a method of bibliographic research that, in the strictest sense, aims to build a reflection on the mediation of information, in view of the propositions the perceptions of meaning between (I)ibrary to (L)ibrary. The results describe the perceptions of meaning between (I)ibrary and (L)ibrary for the construction of a reflection on the mediation of information, from the point of view of analyzing epistemological problems in the study and action of the librarian in which is more inclined to be understood as an "ideal type" tool, of the reality that is configured, then, as a methodological perspective that considers the emancipatory collective action, in which there is the autonomy of the subjects that contribute to the informational understanding of social phenomena in library and everyday information practices associated with the identification of information needs. Finally, it points to the redistribution of spaces p of scientific production, building a metanormative research project, where it reviews the possibilities of a political critique that articulates epistemological, ethical and political issues.

Keywords: Epistemological Obstacle; Library; Information Mediation; Right to Justification.

1 INTRODUÇÃO

As concepções de sentido entre "(b)iblioteca a (B)iblioteca" visam construir uma

reflexão sobre a mediação da informação, dado o ponto de vista de Alfaro Lopez (2010), que

considera problemas epistemológicos no estudo da prática da biblioteca e tem repercussões em uma abordagem emancipatória.

A compreensão desse sentido, influi diretamente na concepção praxiológica direcionada para essas duas concepções conceituais de biblioteca, para que o profissional da informação possa pensar nas questões temporais da mediação que em devir se configura no cuidado do seu reconhecimento sobre uma transtradução que sobretudo reconheça primeiramente o autoexame sobre sua posição histórica diante da mediação do conhecimento e do mundo (Perez & Trindade, 2020).

Por isso, a mediação é dialética, não se funda numa relação dicotômica, entre isso ou aquilo, ou entre o bibliotecário e o usuário, mas é relação das formas fenomênicas da realidade que se reproduzem e despontam sobre a experiência sensível, a negação, a criação, a reconstrução das normas, mas não as que estão sobre a dominação formulada por agentes, mas aquela que os sujeitos reivindicam e postulam suas próprias justificações que difere da ordem normativa vigente que estão subordinados (Forst, 2018).

Isto implica nas recepções da informação, isto é, à mediação da informação que segundo Almeida Júnior (2015), implica não apenas um resultado, mas uma construção de um olhar sobre fatores primários. Em outras

palavras, de olhar as coisas primeiras, inserir a abstração no sentido de que é nela que se desvirtuará a práxis, não é como uma mediação imediata, mas uma ação reconstrutiva em processo.

Nesse sentido, o conceito do obstáculo epistemológico da “(b)iblioteca a (B)iblioteca” do ponto de vista de Alfaro Lopez (2010), vai além de uma simples estética da letra inicial sendo minúscula ou maiúscula, mas passa pelo profundo significado das ações que guiam mesclas em ambas as concepções biblioteca b(B). Isso inclui toda uma cadeia de relações teóricas com a concepção de estranhamento de hipóteses epistemológicas positivas, com obstáculos, ou seja, há uma necessidade de justificação nessa cadeia que ainda envolve ações de mediação.

Trata-se, portanto, de fenômeno autorrepresentativo, quer dizer, da expressiva e imaginativa representação política desse público como participantes ativos na biblioteca. Uma narrativa para fazer as vozes de grupos isolados, vulneráveis e esquecidos de ressoarem nas ações culturais da Biblioteca Pública.

Por fim, defende-se, neste caso, a criação de conjuntos dialógicos que permitam estabelecer ações discursivas para superar as barreiras da (b)iblioteca a (B)iblioteca compreendendo-se os processos de mediação da informação pela necessidade de justificação.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A compreensão teórica sobre mediação concebe uma nuance na qual está sobre a epistemologia social da Ciência da Informação (CI) nos estudos de Shera (1977). Segundo esse autor, a origem epistemológica social da CI reside sobre uma perspectiva sociocultural da biblioteconomia; a relação bibliotecária, o livro e o sujeito descortinam novos parâmetros de cooperação mútua dado com o conceito de informação.

Interpretando Shera (1977), a epistemologia social da Ciência da Informação, tem um foco embrionário das concepções de mediação, pois é entendida como um processo de ação coletiva que trata relacionamente com fenômenos da informação e construção do conhecimento, e só pode ser comunicada com o envolvimento de um modelo emancipatório da sociedade, a interação entre os sujeitos, na prática social (Shera, 1977).

Portanto, essas correlações cooperam com que, diante da apropriação da informação, ela se localiza numa perspectiva da autorrepresentação do usuário, conforme os estudos de Castro e Almeida Júnior (2022), pois, remetem “às experiências práticas de autorrealização, que fazem com que sujeitos e grupos informacionais atuem politicamente de acordo com seus modos de vida.” (pp. 4).

De outra forma, a mediação da informação em sua gênese esteve relacionada na projeção de ponte em que se vislumbra com a teoria que defende a existência de um emissor e um receptor. Imaginário que sustentou os estudos de mediação por meio de um entusiasmo alegórico que existe um alguém, como o bibliotecário, que leva a informação para o receptor, usuário, dando o sentido simbólico e imaginário de um personagem coadjuvante que necessita de uma informação, enquadramento que recai “o senso comum bibliotecário, identifica e tenta explicar a mediação com a imagem da ‘ponte’” (Almeida Júnior, 2009, pp. 94). Embora, nas literaturas contemporâneas, essa visão de ponte está sendo aos poucos rompida, seu sentido deixa rastro no imaginário que o bibliotecário é aquele que “transfere” e “leva a informação ao usuário”.

Visão do bibliotecário mediador que leva a informação a alguém, tem em sua gênese, evidências com as simetrias pragmático e funcional, aqui observamos uma relação com as concepções de Alfaro Lopez (2010). Aquele que detém a informação e medeia através de sistemas olhando para o fim, reduzindo a ação de mediar para o usuário buscar a informação, relaciona-se com crítica feita por Almeida Júnior (2021):

Os bibliotecários procuram criar ambientes amigáveis, mas dentro de padrões previamente elaborados a partir da idealização do usuário e de estruturas informacionais internas que se valem de implantações coletivas e pouco consideram a apropriação dos conteúdos, da informação pelo usuário (Almeida Júnior, 2021, *online*).

Essa abordagem mediada imediata, pouco alcança o sentido social e antropológico que a mediação da informação de forma crítica traz em seu ser, que é o olhar na abordagem de “geração de conflitos e de novas necessidades informacionais” (Almeida Júnior, 2015, pp. 25).

Ressalta-se dois pontos: conflitos e necessidades. Uma evidência de que a mediação não se resume em resultados de levar a informação a alguém ou ser mediada de forma simples e prática que os envolvidos pouco ou nada são afetados por suas relações. Ao contrário do conflito e necessidades informacionais, entram no âmbito do teórico crítico que podem ser gerados a nível de complexidade das relações.

A mediação da informação não envolve unicamente um resultado, mas uma construção de olhar para fatores primeiros, que abarca toda uma cadeia de relação teórica com estranhamento de pressupostos epistemológicos positivos, sobre os obstáculos que ainda cercam as ações de mediar, tecendo problemáticas de olhar crítico de dentro para fora, das ações do bibliotecário perante a ação de mediar e o espaço da biblioteca.

A mediação não é um momento, mas um processo conforme aborda Almeida Júnior (2015) que envolve desde o olhar do bibliotecário consigo mesmo, as relações entre ele com ambiência informacional construída com os usuários. Seu olhar e diálogo crítico deve envolver desde os suportes e equipamentos informacionais (físico ou não) que se interrelacionam com o ouvir e ecoar da representatividade dos usuários como espaço dialógico da biblioteca, alcançando um âmbito de áreas físicas ou não, que a informação circula.

Essa abordagem engloba a direção para ação cultural como efeito para mediação da informação como aborda Flusser (1980, pp. 134) “todo o processo de ação cultural engloba também a dimensão de mediação e neste sentido a biblioteca reencontra sua prática a de ser um depósito de herança cultural”. Nesse

viés a biblioteca alcança seu sentido de mediação social e cultural, quando amplifica vozes do não-público através das dimensões de criação cultural na biblioteca, que não ocorre

unicamente por leituras, mas pelas diferentes manifestações de domínio das experiências de mediação que a linguagem cultural engloba.

3 DA (b)IBLIOTECA A (B)IBLIOTECA

No capítulo de seu livro intitulado "A biblioteca como um obstáculo epistemológico", o autor Alvaro Lopez caracteriza uma crítica de biblioteca que destaca perspectivas entre a (b)iblioteca e a (B)iblioteca: "A biblioteca não nos fez pensar sobre a Biblioteca." (Alvaro Lopez, 2010, pp. 3). O sentido dado a (b)iblioteca e a (B)iblioteca segundo Alvaro Lopez (2010, pp. 3), "obviamente não significa um jogo de ingenuidade gráfica ou alegórica, muito pelo contrário, há uma intencionalidade que visa representar duas ordens cognitivas diferentes" respectivamente: do concreto, o imediato o factual e a ordem do abstrato, do intelectual, do conceitual.

No primeiro, representa a (b)iblioteca pautada na sua funcionalidade, com o olhar apenas para serviços a serem oferecidos, no pilar funcional da técnica, do empirista ou, em seu melhor aspecto, positivista, reduz as literaturas de estudos a resultados empíricos de serviços realizados, "o que deu origem a uma acumulação e excedente de conhecimento e com isso propiciou conformação do campo, levando a um obstáculo epistemológico" (Alvaro Lopez, 2010, pp. 3).

No segundo, a (B)iblioteca é pensada pelo viés da arquitetura teórica e para uma construção conceitual, à reflexão da abstração em que a biblioteca está inserida, um olhar para a reflexão das práticas com análise crítica. Na perspectiva de um caminho para a construção de novos olhares conceituais que apontem caminhos para a inserção de abordagens pouco ou ainda não discutidas dentro das práticas bibliotecárias, acompanha e influencia a sociedade contemporânea, com olhar para soluções e na previsibilidade dos resultados. Alinha-se com as práticas utilitárias que envolvem os serviços da biblioteca, para um

grande público, que representa um efetivo e potencial, mas que não quer dizer ou não engloba e contempla o público diverso que Flusser (1980) denomina de não público, que contempla um público isolado, marginalizado e esquecido pelas ações culturais da biblioteca pública.

Essa diferença entre olhar os serviços para o público, sem reconhecer que existe diferenças entre sujeitos e buscar investigar e refletir a amplitude social de comunidades e representatividades, questionar os direcionamentos da biblioteca sobre o motivo que faz o não público não se apropriar do espaço e não dedicar a adotar políticas culturais para abarcar o não público, recair no olhar horizontal de relações, em que os sujeitos são padronizados e incorporados às normas e funções do ambiente informacional, opondo-se assim às construções dialógicas entre as diferentes comunidades, principalmente as marginalizadas pela sociedade, acaba incorporando a ação da biblioteca em padrões de relações.

Essas ações de olhar apenas para resultados em entregar sistemas e serviços de informação, negligenciam a teoria e prática da diversidade; as comunidades e a interferência dos sujeitos no mundo da vida; a forma de não participação ativa do público; os serviços e sistemas não são tratados de maneira equitativa aos sujeitos que se inserem na biblioteca pública, evidencia as herança teórica do pragmatismo de James, "a disposição de tirar o olhar das coisas primeiras, das 'categorias', das pretensas necessidades, e a olhar ao contrário, para as coisas últimas. Para os resultados e consequências, fatos" (James, 1985, pp. 13-14).

Para ilustrar o pragmatismo e entender a crítica de Alfaro Lopez às questões limitadas de funções e serviços, recorre-se ao seu fundador, William James, que baseia sua filosofia no utilitarismo, o método que busca resultados claros e objetivos para a ação. Explicando pragmatismo, James avalia: “uma pragmática volta resolutamente as costas, de uma vez por todas, a um grande número de posições cara aos filósofos de profissão, e foge da abstração, das soluções verbais, das más razões a priori, dos princípios fixos, dos sistemas fechados, dos falsos absolutos.” (James, 1985, pp. 18).

A ação pragmática a que se refere James (1985) acompanha e influencia as soluções da sociedade atual e a previsibilidade dos resultados. Foca-se em práticas utilitárias que envolvem serviços e sistemas de bibliotecas para um grande público efetivo e potencial (“letrado”), mas ignora a diversidade, que Flusser (1980) descreve como um não-público, referindo-se ao público isolado, marginalizado e esquecido pelas ações culturais da biblioteca pública.

Essa ação pragmática que recai na representação funcional de prestar unicamente serviços, sem problematizar fatores de comunidades que possam estar sendo excluídas, necessita ser discutida e refletida pelas ações e relações teóricas, do olhar para as primeiras coisas, dos processos construtores semióticos entre sujeitos, objeto e espaço que envolvem os estudos biblioteconômicos e nas práticas dentro da biblioteca.

No ambiente de biblioteca pública não existe apenas um olhar para resultados previsíveis, pois a biblioteca ao envolver e buscar inserir toda a diversidade de usuários, estará frente aos *habitus* de cada indivíduo e cada grupo, que traz consigo linguagem e práticas identitárias que necessitam serem evidenciadas e legitimadas para ocorrer as relações.

Pensar em investigações que pouco problematizam e questionem conceitos já

inferidos, deixando as ressignificações de lado, tendem a entregar a teoria que cercam as ações bibliotecárias para a vertente que Kuhn (1998, pp. 30) denominou de “ciência normal. Quando as pesquisas seguem uma regra e padrão da literatura da área de conhecimento, sem traçar novos horizontes “significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior.” (Kuhn, 1998, pp. 29).

A perspectiva funcional não deixou pensar na complexidade e aprofundamento teórico que surgem com a diversidade social que a biblioteca pública deveria buscar alcançar. A diversidade aponta para os diferentes níveis de signos que estão envolvidos no ambiente da biblioteca, mas que devido à complexidade de não saber lidar ou conceituar a complexidade que os signos apresentam, são ocultadas pelo funcionalismo já existente, logo são deixadas para não causarem transtornos.

Essa visão de elaboração crítica conceitual, que envolve a teoria da diversidade de práticas e objetos próprios e definidores bibliotecário, é visto como algo estranho à dinâmica que o dia a dia seja realizado ao longo da atividade da biblioteca; porque ela se estabeleceu em uma tarefa pragmaticamente orientada e cujo suporte cognitivo, baseia-se na funcionalidade técnica do empirista, em seu melhor aspecto, positivista (Alfaro Lopez, 2010, pp. 4).

Essa visão recorre aos estudos que pouco aprofundam em cadeias conceituais, na busca de ressignificações de conceitos ou para problematizar práticas, logo, acabam entregando unicamente a teoria bibliotecária mergulhada na vertente que Kuhn (1998, pp. 30) denomina de “paradigma” e tende a evoluir para uma ciência normal pois, na busca de alcançar uma direção e inserção dentro da comunidade científica, estudantes adquirem

conceitos de homens que aprenderam as bases de seu campo de estudo a partir dos mesmos modelos concretos, sua prática subsequente raramente irá provocar desacordo declarado sobre pontos fundamentais. Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Uma forma de segurança cognitiva e mental em não pender para novos horizontes ou questionar o que é costumeiro a fazer dentro de certas ações.

Alfaro Lopez (2010) tece sua crítica na vertente costumeira à dinâmica das atividades bibliotecárias, que se alinha com a construção do obstáculo epistemológico de Kuhn (1998) a partir das visões de membros de bibliotecas que partem de uma opinião generalista e pouco aprofundada em reflexão teórica-crítica no sentido de dizer:

Estamos bem e então, para permanecermos eficientes nos serviços de biblioteca, não precisamos de muito, ou apenas uma pequena fração necessária para ser mais eficiente, de abstração ou de teorias: além disso, um excesso de teoria pode acabar atrapalhando a eficiência. tudo isso não nos impediu de cumprir funcionalmente nossa missão de serviço (Alfaro Lopez, 2010, pp. 38).

Esse desdobramento na rotina pautado unicamente na funcionalidade técnica, no conceito de Alfaro Lopez de “racionalidade de serviço” de sentir satisfação de estar cumprindo seu papel como missão do bibliotecário, que leva a leitura, dissemina a informação, acaba por trazer uma segurança mental e cognitiva de exercer funções na espera de resultados previamente objetivos, mas que afastam toda construção complexa sobre as relações

3 NECESSIDADE DE JUSTIFICAÇÃO

A questão usual parece ser exatamente se poderíamos (bibliotecários) estar preocupados em distribuir além de recursos de informação. Busca situar as práticas da

humanas (conflito) e solidificam os obstáculos epistemológicos para a área, conforme Alfaro Lopez (2010, pp. 37-38).

A visão do bibliotecário de incorporar unicamente essa missão de servir, resulta em problemática de obstáculo epistemológico e cognitiva para o campo, pois ao conectar esse olhar romântico, pouco contribui-se para uma visão crítica das suas teorias e funções, gerando um aspecto de não estranhamento no campo. Essa missão de servir “encobre aprofundamentos teóricos o que contribuirá para a representação vezes de um véu que esconde problemas subjacentes e não apenas de natureza epistemológica, mas de natureza diversa [...] que serão motivo para uma reflexão mais aprofundada.” (Alfaro Lopez, 2010, pp. 36).

Por exemplo, o conformismo da Biblioteca Pública estaria evidenciado, assim, através dos trabalhos desenvolvidos - ou, quem sabe, dos trabalhos não desenvolvidos - pelos profissionais que nela atuam. Explicando melhor: o conformismo deve ser entendido, no caso específico da Biblioteca Pública, como a passividade de sua atuação, como o aceitar ser um mero instrumento ideológico que apenas transmite e reproduz informações de interesses destoantes aos das classes populares (Almeida Júnior, 2018).

A visão do bibliotecário mediador, em sua gênese ainda tem evidências com as simetrias do pragmático e do funcional observada por Alfaro Lopez (2010), isto é, aquele que detém as informações e medeia por sistemas, olha para os fins e reduz a ação de mediação para que o usuário possa buscar e encontrar a informação, assinala Almeida Júnior (2021).

biblioteca em relação às práticas democráticas de várias maneiras e compartilhar com o campo da filosofia política e da educação a busca de fundamentos normativos atrelados a

justificativas de grupos sociais (Leckie, Dado & Buschman, 2010).

Milanesi (2002) considera que se antes era preciso conhecer as técnicas de catalogação, o desafio moderno dos bibliotecários seria a dominação das tecnologias e as normas que apenas transcenderam seu contexto funcional.

As “técnicas” tocavam os limites do treinamento e se aproximavam do adestramento: um máximo de respostas com um mínimo de reflexão. Já as chamadas “culturais” não mostravam nenhum vínculo com o trabalho profissional e, portanto, não poderiam fazer a ponte entre o específico técnico e a cena social. (Milanesi, 2002, pp. 17).

A questão hoje é se tais cenas como as contextualizadas por Milanesi (2002) ainda permanecem sem o sentido da reflexão. O que ficou para era pós-moderna? Será que os atores tomaram uma diferente perspectiva quando, em vez dos seguintes comandos morais, laboram para uso de seus direitos. (HABERMAS, 2010, pp. 471-472), isto é, será que irrompeu as construções das ações comunicativas que se difundiram nesses espaços sociais e épocas históricas? As ações comunicativas, não somente se alimentam das fontes das tradições culturais e das ordens legítimas, mas também dependem das identidades de indivíduos socializados. (HABERMAS, 1997, p. 111).

A tarefa essencial do bibliotecário deveria ser a complexidade da informação a “levar para uma mais completa exaustão os direitos existentes para a descoberta e a construção de novos direitos a partir da multiplicidade de experiências” (Habermas, 2010, pp. 467). Em outras palavras, se é formada o poder comunicativo na qual surgir dos não lugares onde há uma formação da opinião e da vontade (Habermas, 1997)

As relações (b)iblioteca a (B)iblioteca, mescladas às necessidades de justificação envolvidas em espaços informacionais, confluem para as ações comunicativas no

ambiente agregados aos direitos, pois “tornava-se necessário dar um sentido social às informações, transformando-as em produtos utilizáveis pela sociedade como um instrumento essencial ao seu crescimento”. (Milanesi, 2002, pp.12).

Então, o que representa a (b)iblioteca com base em sua funcionalidade, considera-se apenas os serviços a serem prestados, no pilar funcional da tecnologia, o empiricista ou no melhor sentido do positivista, destaca-se um processo pelo qual gera nos usuários e bibliotecários uma atividade desengajada “que se constitui como a contrapartida do incremento da desigualdade, da injustiça e da indiferença” (Haroche, 2008, pp. 15). Esse entendimento reduz a literatura de estudo a resultados empíricos dos serviços realizados, “o que deu origem a uma acumulação e excedente de conhecimento e com isso propiciou conformação do campo, levando a um obstáculo epistemológico” (Alfaro Lopez, 2010, pp. 3). Na segunda, a (B)iblioteca é pensada do ponto de vista da arquitetura teórica e de uma construção conceitual, reflete o abstrato, isto é, a experiência sensível:

A consideração das emoções vividas na mediação da informação pode sustentar uma avaliação que, no exercício da práxis, indique a intensidade alcançada na dimensão estética, na medida em que se observe o prazer dos sujeitos envolvidos em poderem interpelar, questionar e criar a partir do encontro com a informação em debate no coletivo. (Gomes, 2020, pp. 15-16).

A zona intersubjetiva onde a biblioteca está localizada deve olhar para as práticas de distribuição, participação e reconhecimento na perspectiva da justificação dos usuários na biblioteca, a fim de minar estereótipos que ajudam a silenciar e ignorar populações marginalizadas (não público) (Forst, 2018; Mathiesen, 2015; Flusser, 1980).

Já na perspectiva de um caminho para a construção de novos olhares conceituais,

aponta-se a inserção de abordagem das políticas culturais e decoloniais, ainda tímida nas práticas bibliotecárias, que pode produzir consciência crítica na biblioteca um lugar da corporeidade e sociabilidade diante das lacunas existentes no rastro do que a ação do colonialismo trouxe para o local da (b)iblioteca.

Alfaro Lopez (2010) explica que a abstração, (B)iblioteca, pode dar forma e significado a diferentes tipos de bibliotecas, mas isso tem sido evitado pelo conhecimento da biblioteca (b). Em outras palavras, estudos teóricos com abordagem reflexiva no nível teórico-crítico são tímidos devido a estudos pragmáticos de bibliotecas voltados apenas para resultados imediatos.

Em outras palavras, como práticas de participação na perspectiva da justificação dos usuários na biblioteca, está a corrente da ação comunicativa, que considera a maneira que ocorre a ação intersubjetiva na prática bibliotecária com os usuários da biblioteca, isto é, a que contribui na capacidade intersubjetiva para compreender determinados contextos sociais (Castro, Silva & Oliveira, 2020). Desse modo, a justificação é o princípio da autonomia e da crítica que se defronta com os fenômenos da dominação que, por sua vez, tentam impedir que essa ordem normativa aconteça. Além disso, trata-se de olhar para o fato do que priva as pessoas de algo que elas poderiam reivindicar como a razão recíproca e universal que não poderiam ser rejeitadas, assinala Forst (2018).

Para o autor, os princípios fundamentais de justiça implicam na redistribuição, antes pela justificação dos processos de reconhecimento onde o direito à justificação é fundamental aos membros da estrutura básica da sociedade em serem respeitados, isto é, o poder de decidir sobre as instituições equânimes. “O que está prioritariamente em jogo na inclusão é o respeito ao sujeito que age, que merece uma justificação política efetiva – como participante de uma prática de dar e receber razões no espaço político.” (Forst, 2018, pp. 94). Por

exemplo, a biblioteca não considera os sujeitos como participantes políticos no ambiente informacional, tratados aqui como não públicos, ou seja, a participação de indivíduos e grupos vulneráveis para se autorrepresentarem no espaço público da biblioteca, o que se coloca em discussão é uma justiça informacional que seja contributiva, participativa e do reconhecimento (Mathiesen, 2015).

Para Habermas (1997, pp. 51):

O agir comunicativo aponta para uma argumentação, na qual os participantes justificam suas pretensões de validade perante um auditório ideal sem fronteiras. Os participantes de uma argumentação partem da suposição idealizadora de que, no espaço social e no tempo histórico, existe uma comunidade comunicacional sem fronteiras e têm que pressupor a possibilidade de uma comunidade ideal "dentro" de sua situação social real.

Para serem tratadas com ‘justiça’ como fonte de informação, as pessoas devem ter a mesma chance de contribuir para a produção e provisão de conhecimento: isso se chama justiça participativa garantindo que as bibliotecas evitem colecionar livros infantis e infantojuvenis que reforçam estereótipos e estigmas sociais de grupos subalternos (Mathiesen, 2015).

A percepção intersubjetiva e comunicativa da informação está na tarefa essencial do bibliotecário de levar para uma mais completa exaustão os direitos existentes para a descoberta e a construção de novos direitos a partir da multiplicidade de experiências. Essa relação de direitos manifesta-se na ação do bibliotecário, que efetiva o papel de agente que não se presume em não apenas as ações funcionais no ambiente onde está inserido (Castro, Silva & Oliveira, 2018).

Essa diversidade, como denomina Flusser (1980) de pluralidade de expressão, aponta para os diferentes níveis de signos que

deve ocupar os espaços envolvidos no ambiente da biblioteca, mas que acabam tendo suas vozes não amplificadas nesses espaços, devido a fatores da biblioteca não saber garantir ou não instigar a complexidade que os signos se apresentam e na busca de sentir representados, pois são silenciadas, ocultadas pelo funcionalismo já existente, do status quo, que as padronizações e normas horizontais, tratam as relações entre sujeito e espaço da biblioteca, evidenciadas para que não causem poucos transtornos nas relações no espaço informacional.

Flusser (1980) ressalta que esse é um dos principais problemas da biblioteca pública, que afasta grupos minoritários e devido sua vertente centralizadora de cultura, em não buscar fazer inserir, ouvir e ecoar a linguagem do não-público na construção social da biblioteca, pois para o não-público essa cultura generalista presente na biblioteca, acaba não fazendo sentido para o não-público se eles não têm as possibilidades de formular e inserir sua cultura através da palavra, de serem ouvidos dentro das bibliotecas, pois é a cultura que faria sentido para ele.

Segundo Leite (1996, pp. 60):

Apesar de muito enfatizada, principalmente no discurso político, na prática a democratização da informação não tem se concretizado. Isto pode ser constatado entre outras formas, pelo próprio modelo de comunicação do conhecimento, que muitas vezes não responde às necessidades individuais e coletivas da sociedade. Os mecanismos de comunicação não fornecem informações que contribuam para a tomada de decisões, nem dão oportunidade de expressão a todos os setores da população; não estimulam o diálogo nem o crescimento da consciência crítica e da capacidade de participação.

Como representatividade, o não-público necessita autorrepresentar, amplificando vozes diante dos ambientes

informativos, ocupando esses espaços, pois a biblioteca apenas pensa em ação cultural, de modo generalista, sem haver a reflexão e ação frente e em conjunto com a palavras do não público, que não alcançam seu sentido verdadeiramente público.

Fraser (2022) destaca que isso se dar principalmente em sociedades estratificadas, isentas de cultura e desprovida de *ethos* específico, nas quais grupos vulneráveis não têm acesso aos meios materiais de participação igual e assim a cultura que esses grupos fomentam é realizada de forma informal, seus estilos culturais, o *ethos*, são desigualmente valorizados pelas próprias estruturas de dominação liberais.

A pergunta que se propõe aqui é se os sujeitos, isto é, o usuário é respeitado em sua dignidade, no sentido da não recusa a justificação, a paridade de uma estrutura para ações discursivas, necessário para o reconhecimento intersubjetivo, isto é, onde se encontra a esfera pública do não usuário e do não público nas discussões conceituais do que é e vem a ser biblioteca.

Flusser (1980) defende a prática de ação e reflexão na biblioteca pública, pensamento que se alinha e se relaciona ao pensamento de Alfaro Lopez (2010, pp. 13) quando defende que “é a reflexão que nos permite tornar legível o problema” pois é ela que direciona o olhar para as ressignificações de teorias conceituais, pautadas na elaboração do refletir e adotar ações críticas frente à ações costumeiras e comodidade paradigmática que ainda envolve a biblioteca pública, causando um obstáculo epistemológico para a construção do conhecimento entre o não público e a biblioteca.

Embora as práticas e os serviços feitos nas bibliotecas buscam utilizar sistemas padrão de organização e o excesso de normas para que ocorra o menor sentido de ruído desde as buscas informativas até as relações entres os sujeitos, correm o risco, como aborda Morin (2005), de provocar uma cegueira, se tratando

da exclusão dos aspectos complexos que envolve as relações, que são importantes para o avanço das relações.

O bibliotecário em busca de uma cientificação e uma organização padronizada, acaba se viciando em resultados previsíveis e esquecendo de lidar com a complexidade que as relações podem trazer, carregando rastros em seus ambientes do pragmatismo de James, como os serviços feitos em busca de resultados previsíveis, e no seu contraponto o convite para reflexão a partir da teoria abstrata que Lopez pontua (2010) e que envolve a complexidade das relações de Morin (2005).

Para buscar entender toda essa diversidade que se encontra na biblioteca, o prover das reflexões e teoria da complexidade de Morin (2005) contribui para as relações de diálogo dos que ali se inserem e transitam na busca de informações. Aponta para as diferentes construções de significados que estão envolvidos no ambiente da biblioteca, mas que devido à complexidade que eventualmente pode se apresentar, são

4 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia baseia-se no desenvolvimento da pesquisa teórica, adota como método a pesquisa bibliográfica que, no sentido mais estrito, visa construir uma reflexão sobre a mediação da informação, tendo em vista as proposições de Alfaro Lopez (2010), sobre as diferenças de significado entre "(b)iblioteca a (B)iblioteca" e a relação de como isso é observado como um obstáculo epistemológico.

5 RESULTADOS

O quadro abaixo sistematiza os resultados da pesquisa e descreve as percepções de sentido entre (b)iblioteca a (B)iblioteca para a construção de uma reflexão sobre a mediação da informação, do ponto de vista de Alfaro Lopez (2010) que analisa

ocultadas pelo funcionalismo que direcionam apenas para uma ordem já estabelecida e confortável, logo são deixadas para não causarem transtornos.

Essa abordagem (mediada imediatamente) é incompreensível muitas das vezes ao significado social e antropológico que sob uma mediação crítica pode carregar em seu ser, um olhar para a avaliação de "gerar conflitos e novas necessidades de informação" (Almeida Júnior, 2015, pp. 25).

É a prova que a mediação não se resume aos resultados de fornecimento de informações a outro ou remediá-la de forma simples e prática, de que seus relacionamentos têm pouco ou nenhum impacto sobre os envolvidos, isto é, entre os sujeitos.

Ao contrário, as necessidades conflitantes e informacionais, entram em um quadro teórico crítico que pode ser gerado no nível de complexidade da relação, assinala Edgar Morin (2005).

Nesse sentido, a pesquisa teórica compreende o ambiente de discussão sobre um determinado tema ou questões que intrigam a realidade. Isso implica a construção do conhecimento reflexivo de forma relacional, entendida como ação coletiva e só pode ser comunicada integrando um modelo social que considere emancipação, a interação entre os sujeitos, na prática social (Shera, 1977).

problemas epistemológicos no estudo e ação do bibliotecário.

Nesse sentido, o quadro, inclina-se mais para ser entendido como uma ferramenta de "tipo ideal", ao estilo de Max Weber. É mais um

gradiente entre pólos não-absolutizáveis da realidade.

De acordo com Saint-Pierre (1994, pp. 67-83):

A categoria do tipo ideal é a ponte que liga o componente subjetivo das ciências da cultura com o conhecimento estritamente empírico. O tipo ideal é o principal meio metodológico tanto para estabelecer o significado cultural dos fenômenos, quanto para formular proposições empíricas sobre eles. O conceito de tipo ideal é obtido pelo realce unilateral de um ou de vários pontos de vista e a reunião de uma multidão de fenômenos singulares, difusos e discretos que se encaixam naqueles pontos de vista no quadro conceptual em si unitário. Essa unidade conceptual é o que confere ao tipo ideal a univocidade que permite a objetividade na comparação de vários fenômenos do mesmo tipo. O tipo ideal é o modo de construção de conceitos peculiares ao método histórico ou individualizante, que é o estudo da realidade e dos fenômenos em sua singularidade.

Em outras palavras, o “tipo ideal” configura-se, então, como uma perspectiva metodológica que considera a ação coletiva emancipatória, em que há a autonomia dos sujeitos que contribuem para a compreensão informacional dos fenômenos sociais. Uma das questões diz respeito à “relação entre fatores socioculturais e práticas cotidianas de informação associadas à identificação de necessidades de informação.” (Castro & Almeida Júnior, 2022, pp. 3). De outro modo, o sentido dado ao texto sobre a relação (b)iblioteca a (B)iblioteca, refere-se a visão de imediação, termo usado por Hegel, em que diz:

A essência não tem ainda um ser-determinado não são sensíveis ou existentes imediatas, mas existe, e em um sentido mais profundo que o ser; a coisa é o começo da existência refletida; é uma imediação, que ainda

não está posta como essencial ou refletida. Mas, realmente não é um imediato existente. (Hegel, 2017, pp. 167).

A “coisa” por assim podemos dizer é o começo de uma existência refletida, no qual se cita o tipo ideal de Weber, a (b)iblioteca pode ser uma imediação não posta essencialmente, mas que a partir das concepções da (B)iblioteca, juntas podem marcar uma relação identitária de uma perspectiva da autorrepresentação dos sujeitos que se relacionam entre essas duas concepções de (b)iblioteca a (B)iblioteca. Conforme Castro e Oliveira (2022), a autorrepresentação configura-se na possibilidade de os sujeitos informacionais exercerem maior controle sobre suas próprias representações na ambiência das bibliotecas, diz respeito a um processo contínuo de ação de interferência que frente às narrativas desencadeiam a conjuntura de um olhar de compartilhamento de informações que vai do local ao global, isto é, às percepções sobre o ambiente social (Castro & Oliveira, 2022, pp.3)

O tipo ideal é a ponte que liga o componente subjetivo das ciências da cultura com o conhecimento estritamente empírico. O tipo ideal é o principal meio metodológico tanto para estabelecer o significado cultural dos fenômenos, quanto para formular proposições empíricas sobre eles. O conceito de tipo ideal é obtido pelo realce unilateral de um ou de vários pontos de vista e a reunião de uma multidão de fenômenos singulares, difusos e discretos que se encaixam naqueles pontos de vista dentro do quadro conceptual em si unitário. Essa unidade conceptual é o que confere ao tipo ideal a univocidade que permite a objetividade na comparação de vários fenômenos do mesmo tipo. O tipo ideal é o modo de construção de conceitos peculiares ao método histórico ou individualizante, que sabemos ser o estudo da realidade e dos fenômenos em sua singularidade.

Isso tem a consequência de que a visão da (b)iblioteca, ao causar um excesso de conhecimento no campo da orientação

pragmática, os sujeitos que recorrem a tais agências, são afetados por pressupostos de racionalidade social que se baseia em dados não criticados, pouco reconfigurada aos conceitos gerados neste campo, necessitam de uma certa distância para uma reconstrução normativa e podem ser as causas, portanto, da ação contínua que leva ao obstáculo epistemológico.

Quadro 1: Mediação: (b)iblioteca a (B)iblioteca

MEDIÇÃO DA INFORMAÇÃO	
(fx): biblioteca (b)	<p>a) Sistemas e serviços: emissor e receptor; racionalidade do serviço; Público potencial – efetivo; cultura do silêncio;</p> <p>b) Medo do pensamento abstrato, da elaboração cognitiva abstrata sistemática das múltiplas práticas</p> <p>c) Tarefas pragmáticas baseadas na funcionalidade técnica empirista (excesso de conhecimento);</p> <p>d) Caráter sistemático e obstáculo epistemológico.</p>

(fx): Biblioteca (B)	<p>a) Construída intelectualmente a partir de conceitos e arquitetura teórica e discursiva: ações de interferência, conflito, ação e reflexão, Não-público, Cultura da palavra;</p> <p>b) É a Biblioteca que deve dar forma, significado e funcionalidade aos diferentes tipos de bibliotecas;</p> <p>c) A elaboração abstrata, que envolve a construção conceitual e teoria da diversidade de práticas;</p> <p>d) Reconfiguração teórica;</p> <p>e) Caráter de estranhamento do campo.</p>
-------------------------------------	---

Fonte: Elaboração própria (2022).

Vale relembrar que a mediação não é um momento, mas um processo, como assinala Almeida Júnior (2015), uma vez que, do ponto de vista do bibliotecário, a autoanálise é necessária para destacar as relações entre eles e um ambiente informativo construído com bibliotecários e usuários, aqui está o processo de afastamento.

O olhar crítico e o diálogo devem qualificar equipamento e dispositivos informacionais (físicos ou não), conectados à escuta e amplificação da voz dos usuários como um espaço dialógico da biblioteca, local de intersubjetividade que atinge um espaço físico ou não físico por onde circula, busca e apropria-se da informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração teórica deste texto considera a direção da ação cultural como efeito mediador da informação assinalada por Flusser (1980, pp. 134): “todo o processo de ação cultural engloba também a dimensão de mediação e neste sentido a biblioteca reencontra sua prática, a de ser uma herança cultural.”.

No texto deixa-se claro que essa não é uma visão maniqueísta, não é uma questão de ou isso ou aquilo. Há mesclas entre esses olhares, ou seja, entre a biblioteca e a Biblioteca.

Nesse viés, a biblioteca percebe o sentido de mediação social na reconstrução

cultural, quando o não público tem o direito natural de justificação, isto é, se autorrepresentar através das dimensões da criação cultural na biblioteca, que não passa apenas por leituras, mas pelas diferentes manifestações do campo, experiências de mediação que a ambiência da biblioteca deve possibilitar.

Em outras palavras, há problemas de visão crítica de dentro para fora, às ações do bibliotecário antes da prática da mediação e ao espaço da biblioteca.

A visão crítica da biblioteca possibilita refletir sobre as contribuições teóricas para a mediação da informação, não apenas no

bibliotecário que influencia uma prática generalista e horizontal, mas sob perspectivas plurais de mediação.

Além disso, apresenta tensionamentos que caracterizam o pensamento ibero-americano pertinente ao contexto brasileiro em relação à tendência dos estudos em mediação da informação (Araújo & Valentim, 2019), seguindo as ideias de Araújo (2018): “[...] questionamentos aos pensamentos estabelecidos, colocar em dúvida modelos hegemônicos, subverter ordens, promover deslocamentos. Os estudos culturais, em sua crítica ao elitismo cultural.” (Araújo, 2018, pp.2).

REFERÊNCIAS

- Alfaro López, H. G. (2010). Estudios epistemológicos de bibliotecología. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas.
- Almeida Júnior, O. F. de (2009). Mediação da informação e múltiplas linguagens. Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação, 2(1).
- Almeida Júnior, O. F. de. (2015). Mediação da informação: um conceito atualizado. In: Santos Neto, J. A. D., & Silva, R. J. D. Mediação oral da informação e da leitura. Londrina: Abecin.
- Almeida Júnior, O. F. de. (mar. 2018). Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. São Paulo, Infohome. https://www.ofaj.com.br/colunas_contudo.php?cod=1122
- Almeida Júnior, O. F. de. (ago.2021). O usuário está morto. São Paulo, Infohome. https://www.ofaj.com.br/colunas_contudo.php?cod=1329.
- Araújo, C. A. Á. & Valentim, M. L. P. (2019). A Ciência da Informação no Brasil: mapeamento da pesquisa e cenário institucional. Bibliotecas. Anales de Investigación, 15(2), pp.232-259.
- Araújo, C. A. A. (2018). Existe um pensamento informacional Ibero-americano? Logeion: Filosofia da informação, 4 (2), pp.31-55.
- Castro, J. L. de & Oliveira, A. N. de (2022). Mediação da informação na "quebrada": a autorrepresentação nas narrativas audiovisuais produzido por jovens da periferia de Belém-Pará. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 18(2), pp.1-22.
- Castro, J. L. de & Almeida Júnior, O. F. de. (2022). Mediação da informação, teoria crítica e conflitualidade: a dimensão intersubjetiva do reconhecimento como ação coletiva emancipatória. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 18(2), pp.1-25.
- Castro, J. L. de, Silva, L. E. F. da & Oliveira, A. N. de. (2020). A importância da mediação comunicativa da informação na prática bibliotecária. Em Questão, 26(2), pp.286-305.
- Para se pensar exatamente sobre a qualidade da informação, é possível fomentar as habilidades de partilha, sentimento e percepção das relações informacionais e suas variações interligadas a ambientes informacionais, elencados nos estudos críticos de Araújo (2018).
- Por fim, Gonzalez de Gomez (2012) aponta para a redistribuição de espaços paradigmáticos da produção científica, construindo um projeto de investigação metanormativa, onde revisa as possibilidades de uma crítica política que articula questões epistemológicas, éticas e políticas.

- Castro, J. L. de, Silva, L. E. F. da & Oliveira, A. N. de. (2018). Construções intersubjetivas na prática profissional bibliotecária: reflexões. *Informação & Sociedade: Estudos*.
- Fraser, N. (2022). *Justiça interrompida: reflexões críticas sobre a condição pós-socialista*. Rio de Janeiro: Boitempo.
- Flusser, V. (1980). Uma biblioteca verdadeiramente pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 9(2).
- Forst, R. (2018). *O direito à justificação: perspectivas de uma crítica da política*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gomes, H. F. (2021). Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, 30(4), pp.1-23.
- Gonzalez de Gómez, M. N. G. D. (2016). Habermas and Foucault: the search for a post-epistemological discourse about science. *Scire: representación y organización*, 24(2), pp.56-45.
- Habermas, J. (1997). *Direito e democracia: entre facticidade e validade I*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (2010). The concept of human dignity and the realistic utopia of human rights. *Diánoia*, 55(64), pp.3-25.
- Haroche, C. (2008). *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Hegel, G. (2017). *A ciência da lógica: a doutrina da essência*. Rio de Janeiro: Editora vazes.
- James, W. (1979). *Pragmatismo e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural.
- Kuhn, T. (1998). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Leckie, G. J., Dado, L. M. & Buschman, J. (2010). *Teoria crítica para biblioteconomia e ciência da informação: explorando o social através das disciplinas*. ABC-CLIO.
- Leite, R. A. O. (1996). Novos paradigmas para a socialização da informação e a difusão do conhecimento científico: perspectivas da interação entre a organização dos sistemas e a complexidade da informação. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 2(1), pp.57-69.
- Mathiesen, K. (2015). Informational justice: A conceptual framework for social justice in library and information services. *Library Trends*, 64 (2), pp.198-225.
- Milanesi, L. A. (2002). *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Morin, E. (2005). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Perez, C. & Trindade, E. (2020). *Mediações: perspectivas plurais*. Estação das Letras e Cores Editora.
- Saint-Pierre, H. L. (1994). *Max Weber: entre a Paixão e a Razão*. Campinas: Unicamp.
- Shera, J. (1977). *Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia*. *Ciência da Informação*, 6(1).